

DO ESPAÇO-TEMPO AO CONTRASTE, À CONDIÇÃO E À FINALIDADE: UMA ANÁLISE FUNCIONAL DO CONECTOR HIPOTÁTICO *ANTES DE***FROM SPACE-TIME TO CONTRAST, CONDITION AND PURPOSE: A FUNCTIONAL ANALYSIS OF THE HYPOTACTIC CONNECTOR *ANTES DE***

Ivo da Costa do Rosário¹
Marcello Martins Machado²

RESUMO: Neste trabalho, propõe-se a análise do conector *antes de* sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Tradicionalmente, esse elemento gramatical é definido como uma locução prepositiva e pouco se discute sobre os seus valores semânticos e inferenciais. Com base nesses pontos, o principal objetivo desta pesquisa é atestar a função conectora hipotática do *antes de* e analisar as suas nuances de sentido no uso. Para isso, pretende-se compreender quais fatores contextuais contribuem para a leitura inferencial dos sentidos mais abstratos que emergem dessa microconstrução conectora em determinadas situações comunicativas. Com base no *Corpus do Português*, a análise é sincrônica (o recorte se inicia em 2012 e vai até o ano de 2019) e o método empregado é o misto (LACERDA, 2016), que coaduna informações qualitativas e quantitativas. A investigação também utiliza conceitos advindos da Gramática de Construções, bem como as noções de categorização, inferência pragmática e enriquecimento semântico. Observando-se fatores morfossintáticos, conclui-se que o *antes de* pode atuar em três funções distintas na língua: com valor prepositivo, com valor hipotático ou com valor conjuncional. No plano funcional, percebe-se que esse *type* atua como um conector temporal e, em determinadas situações, permite inferências contrastivas, finais e condicionais.

PALAVRAS-CHAVE: Antes de. Microconstrução. Conector. Inferências contextuais. Funcionalismo.

ABSTRACT: In this paper, it is proposed to analyze the connector [antes de] *before* from the perspective of Usage-Based Functional Linguistics (LFCU). Traditionally, this grammatical element is defined as a prepositional phrase and there is little discussion about its semantic and inferential values. Based on these points, the main objective of this paper is to attest to the hypotactic connecting function of the [antes de] *before* and to analyze its nuances of meaning. For this, we intend to understand which contextual factors contribute to the inferential reading of the more abstract meanings that emerge from this connector microconstruction in certain communicative situations. Based on the *Corpus do Português*, the analysis is synchronous (the cut starts in 2012 and ends in 2019) and the method used is mixed (LACERDA, 2016), which combines qualitative and quantitative information. The investigation also uses concepts from the Construction Grammar, as well as the notions of categorization, pragmatic inference and semantic enrichment. Observing morphosyntactic factors, it is concluded that [antes de] *before* can act in three different functions in the language, with prepositional value, hypotactic value and non-conjunctive value. At the functional level, this type acts as a temporal connector and, in certain situations, it allows contrastive, final and conditional inferences.

KEYWORDS: antes de [before]. Microconstruction. Connector. Contextual inferences. Functionalism.

1 Considerações iniciais

Esta pesquisa está integrada a uma agenda de trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos Discurso & Gramática e pelo Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações.

¹ Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pelo Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Doutor em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense; Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq; Jovem Cientista do Nosso Estado (Faperj); E-mail: ivorosario@id.uff.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1315-6787>

² Doutorando em Estudos de Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense. E-mail: marcello_martins@id.uff.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5116-043X>

Ambos os círculos de pesquisa estão situados no município de Niterói - RJ, mais especificamente no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Esses grupos têm o compromisso de descrever e analisar a gramática da língua portuguesa sob o prisma da Linguística Funcional, em um dos seus desenvolvimentos mais recentes, que é a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). É necessário ressaltar que o tema deste artigo, o *antes de*, faz parte de um projeto maior conduzido pelo Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário, coautor deste trabalho. Rosário (2020) almeja descrever e analisar a rede construcional do esquema [X de]_{connect} e suas instanciações no português. A hipótese central de seu trabalho é que essa rede abriga diversas microconstruções³ conectoras responsáveis por introduzir orações hipotáticas não finitas na língua portuguesa. O *antes de* é um desses elementos.

Para compreendermos melhor o papel funcional do *antes de* no português, consultamos a literatura sobre o tema. Inicialmente, destacamos Poggio (2002), Ilari (2015) e Castilho (2016), que apresentam contribuições muito pertinentes para a compreensão da emergência histórica da locução em estudo. Poggio (2002) e Castilho (2016) defendem que o *antes de* tem sua origem no indo-europeu⁴, com valor de locativo singular. Na mesma direção, Ilari (2015) reflete que essa locução se originou da preposição *ante* e, portanto, resulta de uma derivação que parte da semântica espacial. Vale destacar, desde já, que tanto Poggio (2002) quanto Ilari (2015) postulam que a noção de espaço aponta para um sentido muito básico, assim como se atesta em toda literatura funcionalista clássica. Desse modo, valores mais abstratos (como tempo, contraste, condição e finalidade) derivam dessa noção mais primária. Nessa perspectiva, há uma transposição do sentido de espaço para valores menos tangíveis.

Pesquisadores como Dias (1918), Mateus et al. (2003), Perini (2005), Bechara (2009), Rocha Lima (2011), Ilari (2015), Castilho (2016) e Cunha e Cintra (2016) arrolam o *antes de* dentro da classe das locuções prepositivas, ou seja, segundo esses autores, a função principal desse conector é atuar no nível frásico, subordinando termos. É por esse motivo que, na literatura em geral, *antes de* é comumente caracterizado como uma locução prepositiva ou preposição complexa. Bechara (2009) e Castilho (2016) defendem que esse conector, mesmo quando encabeça orações reduzidas, tem esse *status* prepositivo.

Svobodová (2018) e Mateus et al. (2003), por outro lado, destoam desse entendimento e reconhecem que locuções do tipo *antes de*, quando usadas em posição adjacente às orações infinitivas, funcionam como conectores oracionais, com função análoga à das conjunções subordinativas canônicas. É importante destacar que, dentre os autores consultados, Mateus et al. (2003) apresentam uma visão ainda mais abrangente para o tema, já que, além da função oracional, reconhecem outras duas funções do *antes de*: conector frásico e advérbio.

Costa e Wiedemer (2018; 2019), cientes desses diferentes usos, optam por caracterizar o *antes de* como uma partícula híbrida, denominando-o como um *advérbio preposicional*⁵. A autora hispânica Lucero (1999) defende visão semelhante ao abrigar esse item na categoria dos advérbios nominais que, por sua vez, são capazes de integrar orações. Por fim, na gramática da Real Academia Espanhola (2010), o *antes de* é entendido como um advérbio complementado por uma preposição.

Por meio destas considerações iniciais, já fica bastante evidente a instabilidade categorial do *antes de*, o que é demonstrado pelas múltiplas classificações propostas pelos estudiosos.

³ *Microconstruções* constituem o nível mais baixo de uma rede construcional, que comumente se organiza em três níveis: esquema > subesquema > microconstrução. Na perspectiva aqui adotada, todos os conectores de uma língua (conjunções, preposições, advérbios e outros elementos responsáveis pela ligação de termos, sentenças e outros estratos linguísticos) são microconstruções, uma vez que esses elementos estão associados a padrões mais esquemáticos estocados na memória dos falantes da língua.

⁴ Segundo Castilho (2016), o étimo indo-europeu *ant* (testa, fachada) designava a parte dianteira corporal.

⁵ O advérbio preposicional é composto de um advérbio (*antes*) e de uma preposição (*de*), possuindo os traços de ambas as classes.

Observemos os seguintes exemplos:

- (1) “Ao chegar no prédio, o homem foi até o apartamento de uma vizinha e perguntou se ela tinha notícias da mãe. Ela respondeu que não a via há tempos. Diante disso, e por ninguém atender o toque da campainha, o filho resolveu desparafusar a grade que fica [antes da] porta. Ao tirar a ferragem, encontrou a porta encostada.” (CP, Notícia, 09/06/2019). Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/06/09/interna_gerais,1060421/idoso-e-encontrada-morta-em-apartamento-de-bh-companheiro-e-suspeito.shtml>. Acesso em 15/03/2022.
- (2) [Antes de] ir ao seu destino, Bruna passou por dificuldades no desembarque. Com data marcada para intercâmbio nos Estados Unidos, a atriz da TV Globo embarcou rumo à Europa para prestigiar o desfile da grife Jacquemus em Marselha e, na volta para Paris, foi parada pela segurança do aeroporto Marseille-Provence e teve sua mala inspecionada nesta quarta-feira (26). Disponível em: <https://www.otvfoco.com.br/bruna-marquezine-ostenta-riqueza-surge-com-look-carissimo-e-valor-de-roupa-deixa-publico-perplexo/>. Acesso em 15/03/2022.
- (3) “[Antes de] ser atleta sou mulher. Se gosto de por maquiagem para treinar, porque não?», reagiu a atleta de 27 anos. A verdade é que, com brincos ou sem brincos, quando está em competição, a Lidia faz cara «feia» e, antes de levantar os halteres, parece mesmo chateada. «É verdade que pareço chateada? Recorro à minha agressividade para concentrar-me e levantar bem. Não consigo dar o meu melhor sem estar concentrada. Depois de competir, tudo é felicidade», destacou ainda Lidia.” Disponível em: <https://maisfutebol.iol.pt/jo-a-atleta-que-poe-batom-antes-de-levantar-250-quilos>. Acesso em 15/03/2022.

Como podemos ver, em (1), *antes de* atua como um conector de termos, localizando o objeto *grade* em um espaço anterior em relação a uma determinada *porta*. Trata-se de um uso mais canônico, mais consolidado pelas gramáticas, reconhecido como locução prepositiva. Já no dado (2), *antes de* atua como conector oracional e organiza cronologicamente duas ações: a) Bruna passou por dificuldades no desembarque e b) [Bruna] foi ao seu destino. Nesse caso, o conector apresenta função análoga à de *quando*, já que marca uma hipotaxe temporal. Por fim, no dado (3), *antes de* também atua como conector oracional, mas já não há apenas a ideia de tempo em cena. Nesse dado, há a emergência de um sentido contrastivo adjacente, visto que a locutora atribui mais peso argumentativo a “ser mulher” do que “ser atleta”. Essa desigualdade aferida no peso das informações, marcada de modo bastante subjetivo, permite que o leitor infira um valor de contraste a partir de uma diferença ou “desnível” estabelecido entre “ser mulher” e “ser atleta”. Em síntese, em (3), o valor predominantemente temporal do conector coexiste com um sentido subsidiário de contraste, atestado no nível pragmático.

Defendemos que o *antes de* pode funcionar, em alguns contextos de uso, como um conector hipotático de valor predominantemente temporal. É o que atestamos, por exemplo, em (2). No entanto, a sua semântica, em determinados contextos, pode coexistir com valores mais abstratos inferidos no nível pragmático-contextual, como contraste, condição e finalidade, como se verificou em (3). A partir dessa perspectiva, traçamos como objetivos deste trabalho atestar a função conectora hipotática de *antes de* e analisar casos de sobreposição semântica, com o intuito de entender quais fatores contextuais contribuem para a emergência de novas nuances de sentido.

A seguir, para alcançar os propósitos elencados nestas considerações iniciais, passamos às seções de *procedimentos teórico-metodológicos e análise de dados*. Na seção 2,

apresentamos o arcabouço teórico e o método de análise adotado na pesquisa. Na seção seguinte, passamos à análise de dados propriamente dita, com base em algumas ocorrências coletadas no *Corpus do Português*. Por fim, na última seção, oferecemos uma síntese dos principais resultados alcançados por meio desta pesquisa.

2 Procedimentos teórico-metodológicos

Este artigo ancora-se nos postulados da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; ROSÁRIO, 2015). Dessa forma, concebemos *antes de* como uma microconstrução resultante de um pareamento entre forma e sentido (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001), inserida em uma rede organizada e hierarquizada (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Essa rede, segundo Langacker (1987), é composta de nós (construções) e links (“linhas” que ligam os nós dessa complexa rede).

Segundo Goldberg (1995) e Traugott e Trousdale (2013), uma construção pode herdar propriedades de uma ou de muitas outras construções. Esse fenômeno é denominado link de herança múltipla. Defendemos que é o caso de *antes de*, uma vez que essa microconstrução herdou características de três classes gramaticais: das preposições (pelo seu caráter precípua e mais prototípico de ligar elementos não oracionais), das conjunções (pela sua função de introduzir orações, ainda que não finitas) e, por fim, dos advérbios (pela sua base circunstancial temporal). Esse hibridismo, aliás, é um forte indicativo dos possíveis motivos para esse elemento gramatical não contar com adequada descrição nos compêndios consultados. Afinal, a gramática, de uma forma geral, debruça-se com muito mais atenção sobre os fenômenos mais canônicos e regulares da língua, e não tanto sobre idiosincrasias.

Ao discutir esses pontos, é relevante evocarmos aqui o conceito de categorização. Segundo Bybee (2010), esse é um processo cognitivo de domínio geral que explica, inclusive, o modo como os itens de uma língua são agrupados em classes, de acordo com as similaridades compartilhadas entre si. Segundo a autora, sempre vão existir elementos mais prototípicos e outros mais marginais. O *antes de*, por exemplo, dentro da categoria dos conectores oracionais, é um elemento marginal, visto que não é capaz de ligar orações finitas. Ao contrário, conectores canônicos têm escopo mais amplo, servindo principalmente para a conexão de orações finitas.

Esta pesquisa está baseada apenas em dados sincrônicos, contudo, é possível aventarmos uma explicação bastante plausível para o surgimento do *antes de*, considerando que há robustas provas de como outros elementos análogos foram se formando na língua (cf. ROSÁRIO, 2020). Nesse sentido, entram em cena a neoanálise e a analogia, como processos metafóricos primordiais. O *antes de* não é uma exceção e está sob forte influência desses mecanismos.

O Funcionalismo reconhece que os falantes são capazes de impactar o nível sintagmático da estrutura linguística, promovendo novas análises de estruturas já pré-estabelecidas. Segundo Traugott e Trousdale (2013), o falante, em alguns momentos, pode tomar um termo já convencionalizado pela comunidade e atribuir-lhe um sentido distinto do convencional. Trata-se de uma nova análise, ou, em termos teóricos, neoanálise. Logo, as partículas *antes* e *de*, respectivamente advérbio e preposição (se tomados de forma individualizada na língua, em subpartes), ao integrar contextos de conexão, são neoanalisadas (analisadas de uma nova maneira) para cumprir um novo papel na língua, que é o de conector hipotático. Vale destacar que o processo de neoanálise é amplamente documentado na literatura funcionalista e atestado na formação de várias conjunções do português, como *já que*, *visto que*, *dado que*, *uma vez que* e tantas outras (cf. ROSÁRIO, 2020).

Associado à neoanálise, temos o conceito de *chunking*. Bybee (2016) afirma que dois ou mais elementos do mundo biofísico, se frequentemente associados, tendem a ser concebidos pelos indivíduos como um único elemento. Essa capacidade humana é aplicada também à gramática. Devido às subpartes *antes* e *de* estarem bem próximas, o indivíduo faz uma nova

leitura de ambas, passando a conceptualizá-las como um único elemento. A nova leitura ocorre por meio do mecanismo da neoanálise. A fusão crescente dos elementos, por sua vez, ocorre pelo processo de *chunking*, que age à medida que as expressões vão perdendo composicionalidade. Em outras palavras, aos poucos, os falantes já não conceptualizam [antes] + [de], mas [antes de], ou seja, uma unidade de sentido: [antes] + [de] → [antes de].

No nível paradigmático, o indivíduo, no processo comunicativo, ao inaugurar um uso, procura estabelecer uma semelhança entre esse novo uso com o que a comunidade linguística já tem em seu estoque mental. Sobre essa questão, Traugott e Trousdale (2013) destacam o mecanismo de analogia. Esse conceito respalda os fatos linguísticos nos quais um padrão existente permite que, a partir dele, outros sentidos emergem (além do convencionalizado). É como se esse uso “inédito” tomasse o antigo como um exemplar ou molde. Neste trabalho, defendemos que o *antes de* com função conectora de termos com sentido espacial serviu como base para a formação do *antes de* conector oracional com sentido temporal.

Ainda sobre o eixo funcional da construção, acreditamos que a alta frequência de uso de instâncias mais elementares de uma construção pode impactar instâncias mais abstratas, mais abertas, assim como postula Bybee (2003). Esses níveis mais virtuais, por sua vez, acabam credenciando novos usos. Foi o que provavelmente ocorreu com o *antes de*. A alta frequência do construto frásico *antes de* impactou o *type*. Por sua vez, o *type* licenciou um novo nó, qual seja, o *antes de* oracional.

Esses fenômenos aqui brevemente abordados colaboraram para uma verdadeira expansão de contexto sintático. Essa expansão, segundo Himmelmann (2004), refere-se às construções que assumem uma função distinta de sua categoria prototípica original. O *antes de*, como já supracitado, é categorizado, pela norma padrão, como uma preposição complexa, já que sua função precípua é ligar termos não oracionais, como em (1). Contudo, percebe-se que essa microconstrução também é usada de forma distinta do seu uso mais regular. Como vimos destacando, registros apontam um uso hipotático em que *antes de* conecta orações via semântica temporal, como ilustrado em (2) e em (3). Assim, o conector aumenta seu contexto de uso no campo da sintaxe, saindo da zona de integração entre sintagmas para a zona de ligação de orações (ainda que não finitas).

Outro conceito fundamental para a compreensão do fenômeno que estamos apresentando é o de inferenciação. Segundo Longhin e Ferrari (2020), a inferenciação se dá no nível da pragmática. Ocorre a partir de enriquecimentos semânticos que uma dada construção pode receber. As autoras postulam a existência de um sentido que provém das próprias construções e um sentido oriundo de cargas semânticas contextuais, ou seja, do nível pragmático. Musi (2016)⁶, Oliveira (2019) e Bybee (2016) defendem que o contexto pode impactar as construções e ter alguns dos seus valores semânticos incorporados por elas. Em nosso ponto de vista, a partir do conjunto de dados em análise, o *antes de*, na sincronia atual, ainda não passou totalmente por esse processo. As leituras possíveis advindas de inferências ainda não foram incorporadas à semântica estável do conector. Logo, é mais acertado afirmar que o *antes de*, assim como vários outros elementos da rede [X de]_{connect}, pautando-nos em Traugott e Dasher (2002), revela uma situação de coexistência semântica, em que há base semântica + sentido pragmático (tempo + contraste, tempo + condição, tempo + finalidade). Em outras palavras, não podemos falar ainda em *antes de* contrastivo, condicional ou final na língua portuguesa, já que essas nuances de sentido não estão convencionalizadas, mas apenas dadas pragmaticamente em alguns contextos de uso, como veremos nos dados adiante.

⁶ Musi (2014) aponta três tipos de contextos pelos quais as cláusulas com *anzi* e *inviece* passaram até culminar na mudança: *Contexto ponte* – os significados da construção e o significado do contexto são compatíveis; *Contexto alternado* – o significado da construção não é compatível com o sentido contextual; *Contexto convencionalizado* – o sentido do contexto é incorporado pela construção.

Traugott e Dasher (2002) apontam o papel ativo dos falantes no momento da interação e na construção de sentidos. As perspectivas do falante (as crenças, os valores, os pontos de vista) aparecem marcadas no uso por meio da subjetivização e da (inter)subjetivização. Tantucci (2018) também reflete sobre essa capacidade de o indivíduo problematizar o estado mental de quem o ouve. É como se pudéssemos ler a mente de outras pessoas para tomar decisões. Assim, as nossas deliberações são normalmente baseadas em pressuposições, em hipóteses sobre crenças, sentimentos, intenções, conhecimentos e comportamentos dos nossos interlocutores. Os interlocutores, por sua vez, são capazes de problematizar como o outro vai agir em dadas situações. Em outras palavras, as contribuições de Traugott e Dasher (2002) e de Tantucci (2018) caracterizam o que conhecemos como subjetivização, que é um conceito central para a compreensão de como o *antes de* é recrutado para a veiculação dos valores pragmáticos de contraste, condição e tempo. O que há nesses casos, como em (3), é a marcação das intenções sociocomunicativas dos interlocutores, dadas contextualmente.

Hirata-Vale (2008) desenvolveu uma reflexão sobre como a noção de tempo pode gerar significações condicionais, por meio da rota de gramaticalização tempo > condição. Segundo a autora, o aspecto imperfectivo (tempo imperfectivo, não acabado, habitual) permite interpretação condicional. Quando uma oração temporal usa esse aspecto, ela acaba se aproximando da semântica de condição. Portanto, as construções temporais podem permitir uma leitura condicional quando expressam a habitualidade, a duração. Ademais, aliado a esse aspecto, a autora postula que o ato de predizer e o ato de fazer uma assunção fazem com que a incerteza da condição e a certeza do tempo se aproximem. É o que também ocorre com o *antes de* quando está inserido em um contexto de aspecto imperfectivo. Esse contexto de uso pressiona o conector, resultando em uma situação de valor temporal (advindo do conector) associada a uma nuance condicional (advinda do contexto).

Kortmann (1997) também analisou esse fenômeno ao defender que o tempo é suscetível a reinterpretarções por meio de enriquecimentos inferenciais. Segundo defesa do pesquisador, tanto as inferências (advindas de fatores externos) quanto a polissemia temporal contribuem para a resignificação do tempo em contraste. O *antes de* oracional tem, por natureza, a função de marcar a anterioridade da ação de uma cláusula em relação a outra. Essa anterioridade, segundo o pesquisador, propicia a marcação de relações contrastivas. Em outros termos, essa ordenação temporal promovida pelo *antes de* evidencia uma atitude de preferência/negação, seleção/descarte do locutor que coloca em primeiro plano um argumento superior. Assim, o contraste surge da noção de diferença, sempre marcada discursivamente de modo subjetivo.

Feitas essas ponderações teóricas sobre os usos contrastivos e condicionais do *antes de*, precisamos também investigar a motivação para a função pragmática de finalidade. Radden e Dirven (2007) defendem que o sentido mais básico das preposições é o espaço. Quando uma preposição denota tempo ou valores mais abstratos, é porque ocorreram extensões metafóricas de seus significados mais primários. Essas extensões metafóricas estão atreladas à experiência dos indivíduos na interação com objetos em um espaço físico. Para os autores, essa relação entre o ser humano e o espaço serve como fonte para a origem de outros domínios mais abstratos, como o tempo e a finalidade. Radden e Dirven (2007) especificam três tipos básicos de relação espacial: localização, direção e extensão. Devido ao pouco espaço disponível, vamos destacar apenas a relação espacial *direção*, que serve mais aos nossos propósitos analíticos.

A noção de direção é especificada em relação a uma meta. A direção diz respeito aos eventos em movimento, ao passo que a meta é um ponto de referência. Essa proposta segue o esquema *fonte-caminho-meta*. A noção de direção está diretamente associada à questão da finalidade, visto que o locutor, ao elaborar um propósito, fixa-o em um ponto de referência e direciona os eventos a essa meta. No esquema *fonte-caminho-meta*, a fonte de um movimento é o ponto que está mais distante do objetivo. O caminho, por sua vez, são as ações ou eventos praticados com vistas a um objetivo. Esses objetivos são conceptualizados como destinos ou

metas a serem logrados pelas ações ou eventos. Como podemos verificar, é por meio da relação do indivíduo com o espaço que a noção de propósito emerge. Em síntese, o valor de finalidade é determinado por ações que visam a alcançar um objetivo.

Radden e Dirven (2007) acrescentam que os falantes sempre determinam as circunstâncias de um propósito ao indagarem o *quando* (fonte), o *como* (caminho) e o *onde* (meta), que não estão na estrutura linguística, mas que fazem parte da forma como o sujeito processa as informações em sua mente, em uma dada situação comunicativa. Ou seja, o valor de finalidade, muitas vezes, é expresso por fatores externos à estrutura linguística. Quando inserido em situações comunicativas que visam a alcançar um objetivo, o *antes de* pode desencadear uma leitura final, que coexiste com o seu valor temporal. Esse sentido de propósito pode ser determinado por fatores internos da cláusula (como a correlação verbal) ou externos (como as circunstâncias de atuação do sujeito, tal como indicado por Radden e Dirven). De fato, o significado de finalidade está estritamente vinculado à noção espaço-temporal em que os indivíduos estão inseridos.

Antes de concluirmos esta seção, é importante fazermos algumas observações sobre o *corpus*. Como aponta ROSÁRIO (2015), a língua é forjada no uso. Por isso, os dados de pesquisa, no contexto da LFCU, são sempre coletados a partir de situações reais de comunicação (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). Para esta pesquisa, os dados são extraídos do *Corpus do Português*⁷, mais especificamente da plataforma *NOW (News on the web)*, que abrange a sincronia atual dos usos do português (2012-1019).

Selecionamos o método misto (LACERDA, 2016) de investigação. Assim, esta análise sincrônica abrange questões qualitativas e quantitativas, com preponderância de aspectos qualitativos. Essa metodologia permite um recolhimento elevado de ocorrências (quantidade) e uma análise mais apurada do *antes de* e do contexto em que ele está inserido (qualidade). O equacionamento entre quantidade e qualidade lança luzes sobre o papel funcional da microconstrução e aponta evidências empíricas importantes para esta pesquisa.

Como nosso foco de análise principal é o *antes de* com valor hipotático, partimos desse uso e buscamos os seus primeiros 300 dados disponíveis na interface *NOW* do *Corpus do Português*. Nesse processo de coleta de dados, todas as demais ocorrências de *antes de* foram computadas e também analisadas. Com isso, por meio amostral, foi possível comparar a frequência de cada uso no *corpus*. Esse levantamento quantitativo está disponível na Tabela 1, na próxima seção deste artigo.

Por fim, vale destacar que a seção seguinte tem dois objetivos, já indicados nas considerações iniciais deste artigo: atestar a função conectora hipotática do *antes de* (em cotejo com as suas outras funções) e analisar as nuances de sentido que emergem desse elemento gramatical, por meio de inferências pragmáticas. Logo, a seção 3 estará concentrada nesses aspectos.

3 Análise de dados

Conforme indicado nas considerações iniciais deste trabalho, o conector *antes de* não está restrito à conexão frásica. Em termos funcionais, em alguns contextos, o valor temporal da construção coexiste semanticamente com valores mais abstratos, atestados pragmaticamente, como contraste, condição e finalidade.

Durante a análise dos dados recolhidos no *Corpus do Português*, em termos morfossintáticos, identificamos três usos recorrentes do *antes de*. Vejamos a tabela abaixo:

⁷ Disponível em <https://www.corpusdoportugues.org>

Tabela 1 – Resultados da coleta de dados no Corpus do Português

Tipo de elemento	Frequência <i>token</i>	Porcentagem
Conector de termos	603	64,35%
Conector hipotático	300	32,01%
Uso não conjuncional	34	3,62%
Total	937	100%

Fonte: autoria própria.

A Tabela 1 ilustra os três usos recorrentes de *antes de*. Com maior produtividade, temos a conexão de termos (valor prepositivo) com 64,35% dos casos. Na sequência, a função hipotática aparece com 32,01%. Por fim, temos 3,62% dos casos como usos não conjuncionais (situações em que há fronteira⁸ entre o *antes* e o *de*). A seguir, exemplificamos cada caso:

- (4) “Tite começou a entrevista que concedeu após a vitória nos pênaltis do Brasil sobre o Paraguai, nesta quinta-feira (27), à sua maneira habitual, com respostas longas e frases truncadas. Quando foi questionado sobre as jogadas pelos lados do campo da seleção, viu a oportunidade perfeita para fazer uma queixa que tinha evitado fazer publicamente [**antes do**] jogo.” Disponível em: <<https://paraibaonline.com.br/esportes/tite-reclama-de-gramado-ruim-e-chama-estado-do-campo-de-absurdo/>>
- (5) “Mexia abordou também a questão do livro ter uma “dimensão feminista”, embora não necessite de “ismos”. A esse propósito, lembrou o celeuma em torno do famoso vestido de kiwis que utilizou durante uma entrevista, depois de já ter utilizado um vestido de pêras (da mesma coleção da estilista Katy Xiomara) durante a festa do Pontal. O caso dos kiwis, lembra o crítico literário, é um exemplo de que os homens, ao contrário das mulheres, são “poupados a comentários físicos ou sobre vestimentas”. No caso das mulheres, lembra, “[**antes de**] se chegar à política, há toda a maneira de as qualificar: ‘Como era o vestido?’ Disponível em: <<https://observador.pt/2019/06/24/isto-e-o-que-ou-sou-o-desabafo-de-cristas-a-otimista-que-mantiveria-a-calma-no-titanic/>>
- (6) “No local morreram Elaine Menezes, de 36 anos, e Jorge Vitor, que era músico e estava participando de um show no restaurante. Um outro homem e uma mulher, ainda não identificados também morreram no bar. Em uma rede social, a banda Nosso Grupo lamentou a morte de Jorge que era percussionista e estava tocando surdo durante o show. [Minutos **antes**] [**dos** disparos], o grupo fez uma transmissão ao vivo no Facebook. Ao saberem do ocorrido, fãs e amigos comentaram na publicação em busca de notícias. Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/chacina-em-bar-de-belford-roxo-deixa-quatro-mortos-nove-feridos-23774516.html>>

No dado (4), assim como postulam os autores Dias (1918), Mateus et al. (2003), Perini (2005), Bechara (2009), Rocha Lima (2011), Ilari (2015), Castilho (2016) e Cunha e Cintra (2016), há uma integração no nível frásico, em que o *antes de* integra o termo *queixa* ao termo *jogo*, localizando o primeiro em um ponto anterior em relação ao segundo no eixo transversal espaço-temporal. Devido à subordinação lexical intermediada pelo *antes de*, denominamos

⁸ A noção de fronteira que postulamos aqui é alicerçada em Quirk *et al.* (1950). Para os autores, em alguns casos, é difícil distinguir quando estamos diante de uma preposição simples ou de uma preposição complexa. A fronteira, no caso, explicita a divisibilidade, ou seja, ela evidencia quando estamos diante de uma preposição complexa ou conector oracional *antes de* ou de partes divisíveis que não formam um bloco integrado (*antes* - advérbio pleno + *de* - preposição simples).

esse uso de conector de termos. Essa ocorrência integra um total de 64,35% dos usos, sendo o mais empregado pelos indivíduos, se comparado aos dois outros casos. Vale destacar que essa maior frequência de uso também corrobora a prototipicidade desse valor prepositivo.

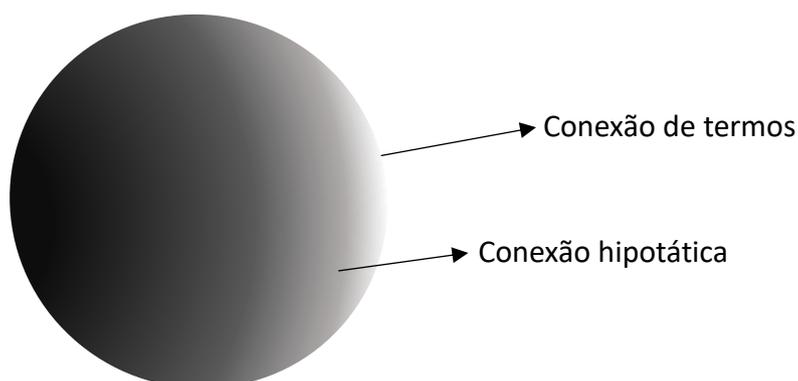
No dado (5), o construto estabelece uma relação lógico-semântica entre a oração primária e a oração secundária. Nos termos de Halliday (2004), o dado (5) indica um caso de expansão, visto que a oração hipotática (**antes de** se chegar à política) "embeleza" o evento da oração matriz (há toda a maneira de as qualificar), por meio de suas características temporais. Perante essa função do *antes de*, optamos por empregar a qualificação conector oracional ou hipotático. Nesse caso, "antes de se chegar à política" tem comportamento gramatical semelhante ao de uma oração subordinada adverbial temporal (como essa estrutura é denominada na Tradição). No *corpus*, esse uso soma 32,01% dos casos, o que não deveria ser desprezível em uma descrição gramatical atenta aos usos reais da língua.

Por fim, no dado (6), como postulam Quirk et al. (1950), temos um caso de fronteira, visto que o advérbio *antes* e a preposição *de* estão afastados e atuando plenamente como elementos autônomos, em suas subpartes. Esse distanciamento, nos termos da Real Academia Española (2010), ocorre porque o *de* atua como complemento do advérbio *antes*. O dado evidencia que, apesar de próximos, nessa situação, ambos os elementos não são conceptualizados juntos, já que esse uso é [+ composicional]. Isso significa dizer que ambos os termos preservam os seus traços sintático-semânticos. Esse estatuto não construcional do conjunto [*antes*] + [*de*] mostra que o fenômeno de neanálise não atuou sobre essa ocorrência. Logo, nesse caso, também não se pode falar em *chunking*. Esse uso soma apenas 3,62% de todos os nossos achados e, provavelmente, pode ser a gênese do conector *antes de*. Em etapas posteriores a este trabalho, a pesquisa com dados históricos poderá confirmar ou não essa asserção.

Em termos formais, esses são os três principais usos atestados durante a coleta de dados. Ressaltamos que, nos três casos, apesar das diferenças funcionais (conector de termos, conector hipotático, uso não conjuncional), notamos semelhanças semânticas entre eles. Nos três *types*, o *antes* remeteu ao valor temporal e o *de* introduziu um argumento (nominal ou oracional). Esse fato pode ser explicado por meio do conceito de *links de herança múltipla* de Goldberg (1995) e Traugott e Trousdale (2013). Nessa perspectiva, o valor circunstancial temporal do advérbio *antes* e o caráter procedural da preposição *de* são herdados pelo conjunto *antes de*. Esses traços, por sua vez, de certa forma, persistem nos novos usos, já que novas camadas da língua podem manter alguns de seus valores pretéritos (cf. HEINE et al, 1991). Essa, aliás, tende a ser uma característica marcante da rede [*X de*]_{connect} (cf. ROSÁRIO, 2020).

Conforme destacado, os usos de *antes de* compartilham traços e diferenças. A figura a seguir ilustra alguns aspectos dessa questão:

Figura 1 – Usos prototípicos e marginais do conector [antes de]



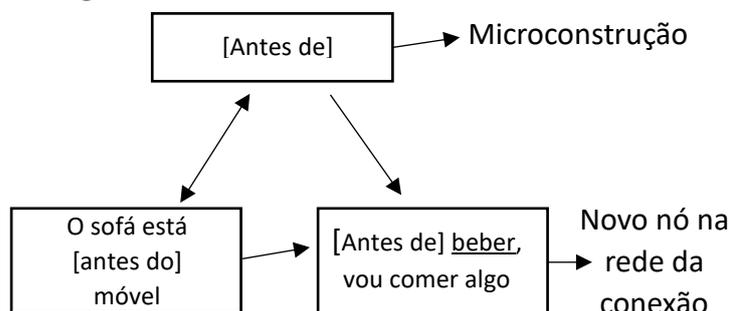
Fonte: autoria própria.

A Figura 1 representa o “lugar” de *antes de* como conector de termos e como conector hipotático. Baseados no conceito de categorização de Bybee (2010), notamos que, no centro da categoria, temos o uso mais prototípico (conector de termos ou valor prepositivo) e, na margem, o uso menos prototípico (conector hipotático). Ambos possuem similaridades que os fazem estar dentro de uma mesma categoria (como a noção primária de anterioridade temporal), e há também diferenças que os fazem estar distantes um do outro (em razão das suas funções morfossintáticas). Essa perspectiva evidencia a gradiência de funções desempenhadas pelo *antes de*, já que ao centro temos o uso convencional (menos abstrato) e, à margem, um uso mais abstrato, que representa uma expansão do primeiro.

A alta incidência do valor prepositivo e a baixa incidência do conector hipotático lançam luzes sobre a gênese dessa microconstrução. Sobre a sua formação no eixo paradigmático, pautados nos processos metafóricos, defendemos a hipótese de que a função conectora de termos serviu como base para a função conectora hipotática. Via processo analógico (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), o falante utilizou uma microconstrução de seu estoque mental (no caso, o *antes de* conector de termos) como base para a criação de um novo nó na rede construcional (no caso, o *antes de* com função de conector hipotático).

Ainda sobre a formação de *antes de* no eixo formal, ancorados em Bybee (2003), defendemos que a alta frequência de instâncias mais elementares da rede construcional impactou as instâncias mais abstratas, conforme ilustramos a seguir:

Figura 2 – Novo nó na rede construcional



Fonte: autoria própria.

Como podemos depreender por meio da Figura 2, uma instância mais elementar (conector de termos), por meio da alta frequência de usos, impactou uma instância mais abstrata, credenciando o *antes de* ao novo papel de ligar orações (conector oracional).

Considerando as Figuras 1 e 2, o processo de analogia e os impactos da frequência, alicerçados em Himmelmann (2004), reiteramos que ocorreu uma mudança de contexto sintático, já que a construção assumiu uma função distinta de sua categoria prototípica: valor prepositivo > valor hipotático.

Outro aspecto que aponta caminhos para nos ajudar a compreender a formação do eixo sintagmático do *antes de* são os 34 casos não conjuncionais indicados na Tabela 1. Apesar de poucas incidências, essas ocorrências nos permitem conjecturar acerca da formação do bloco *antes de*. Por meio de *chunking* (BYBEE, 2016), os dois elementos distintos e plenos que compõem o conector em análise (o advérbio *antes* e a preposição *de*) perderam composicionalidade e passaram a ser conceptualizados como um único elemento, o que se deu por meio de processos de contiguidade e de proximidade, que levou os falantes a realizarem uma nova análise (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) dessa estrutura, culminando na

formação de um conector inicialmente com função preposicional e, depois, com função hipotática. Assim, em outras palavras, o que antes pertencia à categoria dos advérbios e das preposições, passou a ser conceptualizado como uma preposição complexa e, depois, como conector. Com isso, a classe dos conectores passou a hospedar um novo elemento.

Feitas essas considerações com base no plano formal, mais especificamente no estrato morfossintático, agora podemos discutir os valores semântico-pragmáticos do conector temporal *antes de*, o que nos leva ao plano funcional do nosso objeto de pesquisa.

Quanto a esse ponto, temos os seguintes resultados:

Tabela 2 – Valores semânticos e inferências

Valores Semânticos	Frequência <i>token</i>	Porcentagem
Tempo	291	97%
Tempo + Finalidade	3	1%
Tempo + Condição	3	1%
Tempo + Contraste	3	1%
Total	300	100%

Fonte: autoria própria.

A Tabela 2 especifica exclusivamente os 300 dados oracionais indicados na Tabela 1. Portanto, nesta tabela, não vamos tratar de usos preposicionais ou não conjuncionais. Como vemos, em 97% dos casos, *antes de* atuou com uma semântica exclusivamente temporal. Por outro lado, atestamos adicionalmente nove ocorrências em que se pode verificar o valor semântico temporal atrelado a nuances de significados que podem ser inferidos pragmaticamente. Esses nove dados somam apenas 3% do total de casos. Vejamos alguns dados:

- (7) “[**Antes de**] ir à torre de controle, Leclerc defendeu seu lado, e pediu uma punição ao adversário. (CP, Notícia, 30/06/2019). Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/motor/formula-1/noticia/comissarios-confirmam-vitoria-de-max-verstappen-apos-analise-do-incidente-com-charles-leclerc.ghtml>>.
- (8) “É importante que você faça uma reflexão das suas condições, suas habilidades com natação e os riscos, [**antes de**] resolver adentrar a este local”, recomendou o major do Corpo de Bombeiros Antônio Luiz Soares. (CP, Notícia, 24/06/2019). Disponível em: <<https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2019/06/24/corpo-de-jovem-que-desapareceu-em-rio-de-araguacema-e-localizado.ghtml>>.
- (9) “Ela reforçou que nenhuma vacina será liberada [**antes de**] os órgãos reguladores e a própria OMS estarem confiantes sobre a segurança e eficácia da imunização. (CP, Notícia, 04/09/2020). Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/mundo/oms-refuta-fala-de-bolsonaro-sobre-vacina-elas-erradicaram-sarampo-e-variola-1.2381224>>
- (10) “[**Antes de**] ser atleta, sou ser humano, pai, marido, cidadão, carioca de origem e santista de coração. Tenho a pele negra, cabelo afro e visto o manto branco que vestiu o Rei Pelé. Carrego orgulho no peito e sou grato a Deus por tudo isso”, diz Arouca, no vídeo.” (CP, Notícia, 08/03/2014). Disponível em: <<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,o-racismo-nao-vai-acabar-diz-mae-de-arouca,1138407>>

No dado (7), verificamos que a oração hipotática encabeçada pelo *antes de* (*Antes de ir à torre de controle*) expande a oração matriz (*Leclerc defendeu seu lado*), qualificando-a temporalmente. Essa ocorrência representa a tendência mais forte em termos de usos do *antes de* em orações temporais não finitas. De fato, não há significados subsidiários associados ao valor de anterioridade temporal. Trata-se de um uso semelhante a (2).

No dado (8), o *antes de* integra a cláusula hipotática (“*antes de resolver adentrar a este local*”), associada à cláusula matriz (“*você faça uma reflexão das suas condições, suas habilidades com natação e os riscos*”). No entanto, diferente de (7), aqui percebemos um valor de finalidade, de propósito. Segundo o enunciador, em primeiro lugar, devemos fazer uma reflexão, e só depois se deve adentrar no sítio. Por meio dessa análise, atestamos o valor temporal. Contudo, há um significado subsidiário de propósito, que pode ser inferido a partir do contexto. Esse valor de propósito, segundo Radden e Dirven (2007), emana da relação do ser humano com o espaço. No caso, a direção (uma das formas que temos de interagir com o espaço, na palavra dos autores) é resumida no esquema *origem-caminho-meta*. Quando saímos de casa, não o fazemos para ficar à deriva pelas ruas. Ao contrário, quando saímos de nossa residência, partimos para algum lugar: trabalho, mercado etc. Há uma origem (casa), um caminho (trajeto) e uma meta (o lugar para onde queremos ir). Radden e Dirven (2007) postulam que os indivíduos marcam essa experiência com o espaço biofísico em sua comunicação. Em síntese, temos um trajeto (refletir sobre as condições e habilidades) para chegar a um objetivo (adentrar a um lugar).

Outro ponto que nos ajuda a compreender os elementos contextuais que permitem inferenciar a finalidade é o verbo da oração matriz. Em (8), o verbo no presente do subjuntivo (“*faça*”) expressa uma ideia de orientação, de instrução, de finalidade, haja vista seu caráter injuntivo. Uma leitura possível seria: “*Para adentrar neste local, faça uma reflexão das suas condições...*”. Essa paráfrase é plausível, já que chegar ao referido local é a meta do enunciador. Nessa ocorrência em (8), o *antes de*, por meio de sua semântica temporal, organiza, estrutura e mapeia conceitos mais abstratos (no caso, finalidade).

No dado (9), a oração hipotática (“*antes de os órgãos reguladores e a própria OMS estarem confiantes sobre a segurança e eficácia da imunização*”) indica a condição necessária para que o evento da matriz aconteça (“*Ela reforçou que nenhuma vacina será liberada*”). A liberação da vacina (informação da matriz) está condicionada ao aval da OMS (informação da hipotática). Segundo Hirata-Vale (2008), o ato de fazer uma assunção e o ato de predizer são características das orações condicionais. Nesse dado, de fato, percebemos ambas as formulações. Primeiramente, o presidente faz uma espécie de assunção, percebida na argumentação lógica da proposição que, de certa forma, dá origem a uma série de conclusões irrefutáveis e necessárias. De fato, segundo o contexto, é irrefutável e extremamente necessário que os órgãos regulamentadores deem seu aval para a liberação da vacinação em massa. No entanto, sabemos que esse argumento inatacável é utilizado com o intuito de atrasar a liberação dos imunizantes, e não para garantir a segurança da população.

O argumento de autoridade usado pelo representante da nação mascara o seu negacionismo. Dessa maneira, entendemos que essa assunção resulta do ato de predizer. Se observarmos bem, a informação veiculada foi formulada pelo presidente momentos antes da entrevista, justamente com o intuito de se esquivar das críticas sobre sua gestão. O governante, ciente dos questionamentos da opinião pública, prepara-se, antecipa-se aos movimentos dos seus ouvintes jornalistas, formulando um argumento irrefutável (assunção) para as futuras objeções que ele receberia (evidenciando o ato de predizer, prever). A matriz mostra essa predição (antecipar-se à indagação sobre o porquê de as vacinas ainda não estarem liberadas), e a hipotática traz a explicação, a justificativa, o argumento categórico (as vacinas não foram liberadas, pois é necessária a autorização dos órgãos responsáveis).

Nesse caso, norteados pelas contribuições de Tantucci (2018) e Traugott e Dasher (2002), defendemos que o locutor se antecipou às ações de seus ouvintes. Além do sujeito, o verbo no futuro do presente (“será”), de acordo com Hirata-Vale (2008), pode difundir incerteza. Ambas as cláusulas são não factuais, estão inseridas em um mundo hipotético, em uma realidade não epistêmica, cognitiva, subjetiva, que ainda não aconteceu, mas pode acontecer. A liberação da vacina só ocorrerá no futuro e, mesmo assim, mediante uma possível liberação. Esse contexto favorece a emergência da inferência de condição. Afinal, há todo um cenário de dúvida, incerteza, hipótese. Como resultado, temos o que Traugott e Dasher (2002) denominam de coexistência semântica, permitindo, assim, que a condicionalidade, presente no entorno linguístico, seja inferida pelo ouvinte (FERRARI; LONGHIN, 2020).

No exemplo (10), por fim, a oração hipotática (“antes de ser atleta”) estabelece uma relação de contraste com a matriz (“sou ser humano, pai, marido, cidadão, carioca de origem e santista de coração”), de modo semelhante ao que foi demonstrado no dado (3), no início deste artigo. O contraste é reforçado quando o locutor situa o argumento mais fraco em posição temática e o mais forte em posição remática. Essa disposição causa uma espécie de desnivelamento de forças entre ambas as orações. A cláusula hipotática é posta em evidência pelo locutor com o intuito explícito de fortalecer o argumento da matriz. Ela prepara o ouvinte para o que vem depois. No caso, o que segue é um argumento que nega o conteúdo da hipotática, substituindo-o por um novo argumento.

Percebemos que, apesar de a hipotática estar em um primeiro plano estrutural, conceitualmente é o evento da matriz que é posto em evidência. Na verdade, antes de tudo (ou em primeiro lugar), o falante é negro e só depois atleta. Musi (2016) denomina esse contraste como corretivo, visto que ele nega o primeiro argumento e o substitui pelo segundo. Aqui o *type* está inserido em um cenário de desnivelamento argumentativo, integrando, via semântica de ordenação temporal, as duas orações que se relacionam contrastivamente. A matriz, por meio de sua asserção, nega o argumento da hipotática.

Nesse ponto, é importante evocar também o conceito de (inter)subjetividade, analisado por Traugott e Dasher (2002). Em (10), o jogador Arouca, na relação clausular, se antecipa às objeções que seus ouvintes podem fazer sobre o seu argumento. Infelizmente, no caso, o que o jogador tem de refutar é o racismo. Arouca começa dizendo que é atleta, e depois refuta esse argumento evocando outros argumentos mais fortes. O jogador elucida que ele reúne muitas características antes de ser atleta, inclusive ser preto. Aliás é isso que ele quer defender: o seu orgulho em ter a pele negra, dando, assim, uma resposta contundente às provocações criminosas que recebeu em campo. O locutor logra os seus objetivos comunicativos que aparecem marcados na cláusula integrada por *antes de*.

Nesse dado (10), percebemos que o indivíduo (que elabora objeções por meio de processos cognitivos), a posposição (a hipotática em posição temática prepara o argumento arrebatador da matriz) e a relação clausular (o *antes de* integra cláusulas de forças desniveladas, contrastivas) inserem o conector em um entorno linguístico que pressiona a construção (BYBEE, 2016), enriquecendo-a semanticamente (FERRARI; LONGHIN, 2020) com esse valor pragmático de contraste.

4 Considerações finais

Os dados recolhidos no *Corpus do Português* apontam importantes contribuições para o estudo do *antes de*, tanto em termos formais quanto funcionais. Em termos formais, *antes de* pode ser usado com valor prepositivo, hipotático ou não conjuncional. O valor hipotático, em especial, destoa da descrição apresentada por grande parte da literatura consultada, já que os autores costumam limitá-lo ora à conexão frásica ora ao valor de advérbio complementado por uma preposição. Os dados comprovam que *antes de* pode funcionar no discurso como um

legítimo conector hipotático temporal capaz de realizar a conexão de uma matriz a uma oração não finita.

A formação do conector, tanto do ponto de vista do eixo sintagmático quanto do eixo paradigmático, se deu por meio de processos metafóricos. No plano sintagmático, ocorreu neoanálise e *chunking*, culminado em uma expansão de classe hospedeira. No plano paradigmático, o *antes de* provavelmente se formou a partir da sua alta frequência de uso e da analogia, resultando em uma mudança de contexto sintático. Reiteramos que a formação do *antes de* discutida neste trabalho, apesar de bastante plausível, haja vista o grande volume de pesquisas já realizadas a partir de objetos análogos, é uma hipótese. Para termos uma prova cabal do que aventamos no texto, é necessário enveredarmos por caminhos diacrônicos, algo que pretendemos fazer futuramente.

A convivência do uso não conjuncional [antes] + [de] com usos mais integrados [antes de] atesta que o processo de *chunking* está em curso, fazendo com que a vinculação desses elementos seja cada vez mais forte. De certa forma, como defendido no texto, alguns traços das subpartes persistem nos novos usos, já que novas camadas da língua podem manter alguns de seus valores pretéritos (cf. HEINE et al, 1991). Essa, aliás, tende a ser uma característica marcante da rede [X de]_{connect} (cf. ROSÁRIO, 2020), à qual o *antes de* está associado.

No plano funcional, *antes de*, quando usado para ligar orações, é um conector hipotático de semântica temporal, responsável por marcar a especificação de anterioridade. Os valores de contraste, condição e finalidade são concomitantes e subsidiários ao sentido mais concreto e estável de tempo. As nuances de sentido emergem do contexto pragmático por meios inferenciais, e não do conector ou da ligação de cláusulas em si. Os elementos contextuais que permitem esse enriquecimento semântico são o verbo, o sujeito e a posição das orações, além de questões discursivas.

Acreditamos que os primeiros passos nessa investigação já foram dados por meio deste trabalho. Contudo, *antes de* concluirmos este texto, reconhecemos que ainda há, de fato, um longo caminho a ser trilhado nesse campo de investigação.

Referências

- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BYBEE, J. **Mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. Petrópolis: Vozes. 2020.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução por Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- COSTA, F.R.G.; WIEDEMER, M.L. O advérbio preposicional antes de em construções hipotáticas de realce não finitas. **Odisseia**, Natal, V.4, n.esp., p.89-110, jul./dez.2019.
- COSTA, F.R.G. **Os advérbios preposicionais antes de, diante de, em frente a (de) e em face de: gradiência e fixação de padrões construcionais**. Tese (Doutorado em Letras e linguística) – Faculdade de formação de professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo. 168f. 2018.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- CROFT, W. W. **Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- ESPAÑOLA, R.A. **Nueva gramática de la lengua española - Manual**. España: Espasa Libros, 2010.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.;

- CEZARIO, M. M. **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013, p. 13-40.
- GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.
- HEINE, B. et al. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal. In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus P.; WIEMER, Björn (Ed.). **What makes grammaticalization? A look from its fringes and its components**. Berlin: Walter de Gruyter, p. 21 -42, 2004.
- HIRATA-VALE, F.B.M. **Para uma interpretação condicional de construções temporais do português: contextos de uso**. Alfa, São Paulo, v.52, n.1, p.167-177, 2008.
- ILARI, R. **Palavras de classe fechada**. São Paulo: Contexto, 2015.
- KORTMANN, B. **Adverbial Subordination**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- LACERDA, P.F.A.C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**. Volume Especial, p.83-101, dez. de 2016.
- LANGACKER, R.W. **Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LUCERO, V. P. Clases de partículas: preposición, conjunción y adverbio. In: **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999, p. 565-656.
- LONGHIN, S. R.; FERRARI, L. (2020) Mudança no sistema de contraste do português: entre codificação e inferenciação. **Revista da Abralin**, v.19, n. 1, p.1-24, 2020.
- MATEUS, M. H. M et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. 5ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- MUSI, E. Semantic change from space-time to contrast: The case of Italian adversative connectives. **Folia Linguistica**, 50(1), DOI 10.1515/flin-2016-0001, p. 1-30, 2016.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- OLIVEIRA, M. R. Análise Funcional de Conectivos em Português: da Abordagem Clássica à Construcional. **Revista de Letras**, Ceará, v. 38(2), 2019.
- PERINI, M. **Gramática descritiva do Português**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005.
- POGGIO, R. M. G. F. **Processo de Gramaticalização de Preposições do Latim ao Português**. Salvador: EDUFBA, 2002.
- QUIRK, R.; GREENBAUM, S.; LEECH, G.; SVARTVIK, J. **A Comprehensive Grammar of The English Language**. London; New York: Longman, 1950.
- RADDEN, G.; DIRVEN, R. **Cognitive English Grammar**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.
- ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- ROSÁRIO, I. C. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. In: OLIVEIRA, M. R; ROSÁRIO, I. C. **Linguística Centrada no Uso: teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj. 2015.
- ROSÁRIO, I. C. **Esquema [X de]_{connect} em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso**. Projeto de pesquisa apresentado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. 2020.
- SVOBODOVÁ, I. Ensino de Língua Portuguesa-Orações temporais introduzidas por antes de/que e depois de/que (estudo contrastivo). **Linguagem e Ensino**, Pelotas, v.21, n.1, p.35-68, jan./jun.2018.
- TANTUCCI, V. **From Co-Actionality to Extended Intersubjectivity: Drawing on Language Change and Ontogenetic Development**. Applied Linguistics. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Submetido em 18/03/2022

Aceito em 29/05/2022